

Pressupostos para uma experiência evangelizadora inculturada

Ms. Pe. Paulo de Abreu

RESUMO

Apresentamos, recentemente, o resultado de um trabalho de pesquisa, com o objetivo analisar a experiência evangelizadora da Igreja em Moçambique, mas especificamente, o processo de evangelização realizado junto às comunidades da etnia Sena durante a primeira década do fim da Guerra Civil Moçambicana, de 1992 a 2002.

Palavras-chave: evangelização, Igreja, experiência

ABSTRACT

Recently we presented, the result of a reseach with the aim of analising the experience of evangelization of the church in Mozambique, specifically, the evangelization process within Sena ethnic communities, during the first decade of the end of the mozambican civil war between 1992 to 2002.

Key-word: evangelization, church, experience

INTRODUÇÃO

Apresentamos, recentemente, o resultado de um trabalho de pesquisa, com o objetivo analisar a experiência evangelizadora da Igreja em Moçambique, mas especificamente, o processo de evangelização realizado junto às comunidades da etnia Sena durante a primeira década do fim da Guerra Civil Moçambicana, de 1992 a 2002. Durante este período há todo um esforço de reorganização e formação de comunidades cristãs, reconstrução e ocupação das áreas de missão e paróquias, reabertura de centros de formação e estruturas de apoio nas áreas de educação, saúde e desenvolvimento social. Junto a este esforço há também projetos e planos de ação na área

da evangelização de povos e comunidades em vistas ao fortalecimento da presença da Igreja.

O retorno de uma presença evangelizadora da Igreja, junto aos Sena de Moçambique, está profundamente marcado pelas causas e conseqüências dos dezesseis anos de guerra civil que assolou o país, logo após a conquista da independência do colonialismo português em 1975. Tanto a sociedade, em todas as suas estruturas e organismos, quanto a Igreja em sua missão de evangelizar, se vêem desafiadas a reconstruir um país assolado pela guerra, pela miséria, pelas calamidades naturais. Buscar a reconciliação e manter a paz, estar junto aos mais pobres e mais atingidos pela guerra serão as duas atitudes fundamentais neste processo de evangelização durante estes dez anos.

O processo de evangelização realizado pela Igreja entre os Sena de Moçambique no período de 1992 a 2002, analisado neste trabalho, coincide com os dez primeiros anos de paz vividos por este povo, após os duros dezesseis anos de guerra civil, que assolaram o país, causando uma lastro de destruição e miséria sem precedentes. A fome, a nudez, o medo, a dor, as lágrimas, a perseguição, o abandono, a violência e a morte estavam presentes na realidade desta gente, obrigados a viverem ora como refugiados nos países vizinhos, ora fugitivos ou cativos dentro de seu próprio país.

Presente em Moçambique, desde o tempo das primeiras explorações e conquistas empreendidas pelos portugueses no final do século XV, a Igreja é chamada a dar respostas aos desafios que esta realidade apresenta. Uma resposta a partir da sua vocação e missão e a partir dos apelos de um povo sofrido e pobre, sedento de justiça e de paz e em busca de esperança e alento para continuar a viver e sonhar, desde de suas mais profundas raízes e convicções.

A reflexão sobre o processo de evangelização realizado pela Igreja presente em Moçambique, um país multicultural e religiosamente diversificado, um país considerado um dos mais pobres do mundo e um país que busca a reconstrução de sua gente, de suas estruturas mais básicas e de seu significado enquanto nação, não obstante, as diversas dificuldades, internas e externas, que se apresentam para esta tarefa, levou-nos a buscar definições sobre o conceito de evangelização e inculturação, para melhor compreender a missão e tarefa da Igreja neste país.

Definir e compreender o conceito de evangelização que vamos empregar, daqui por diante, facilitará a nossa tarefa, ainda que “nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais”.¹

1- TENTATIVA DE COMPREENSÃO DO CONCEITO DE EVANGELIZAÇÃO

Missão e evangelização são termos análogos, mas possuem diferentes nuances. A missão é o ato de enviar, está relacionado diretamente com a ação divina de envio e se realiza também na ação eclesial. Quando a Igreja envia ou se sente enviada ela o faz em relação com a missão divina.²

Temos que distinguir entre missão e missões. O primeiro conceito designa primordialmente a *Missio Dei*, isto é, a auto revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar. [...] Missões designa formas particulares, relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicas da participação na *Missio Dei*.³

Do conceito de missão se passa ao conceito de evangelização com as mesmas dimensões ou perspectivas: trinitária, cristológica, pneumatológica, eclesial, antropológica, escatológica, espiritual, etc. Evangelizar significa

¹ Cf. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. nº. 17. Documentos de Paulo VI. São Pulo: Paulus, 1997.

² No AT o termo enviar se expressa com a palavra *salah*, no NT com a palavra *apostello*, *apostellein* nos Sinóticos ou *Pempein* em João. No NT os termos enviar e evangelizar se empregam como verbos (Lc. 4,18). O substantivo (missão, evangelização) não é expressão bíblica. O termo missão se usa com Santo Inácio (séc. XVI) e a partir da fundação da *Propaganda Fide* (séc. XVII); no século XIX já se utiliza como termo de reflexão teológica. O substantivo evangelização é do século XIX e tem origem nos teólogos da Reforma; nos documentos do Magistério conciliares (LG, AG) e pós-conciliares (EM, Rmi) o termo evangelização é de uso freqüente. Cf. ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Evangelizacion*. Curso de Missionologia. Madrid: BAC, 1995.

³ Cf. BOSCH. D. J. *Missão Transformadora*. Mudança de Paradigma na Teologia da Missão. Op. cit. P.28.

anunciar a boa notícia de que Cristo é o Salvador esperado (Lc. 4, 16-21). É a proclamação da salvação em Cristo às pessoas que não crêem, é um claro convite à conversão e à participação na comunidade terrena de Cristo e a começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito. A ação evangelizadora tem em conta todas estas dimensões, mas se concentra principalmente na dimensão eclesial como síntese das demais.

O objetivo ou finalidade da evangelização é o mesmo que aparece na ação evangelizadora de Jesus e dos apóstolos. Jesus anuncia a boa nova para chamar a uma orientação de toda a vida segundo a caridade. O homem é chamado a voltar (converter) e a reorientar a vida segundo os planos salvíficos de Deus em Cristo. Esta é a missão que o Senhor confiou a seus discípulos e a toda a Igreja. “A finalidade da evangelização é uma mudança interior, e se tivéssemos que resumir em uma palavra, o melhor seria dizer que a Igreja evangeliza quando, somente pela força divina da mensagem que proclama, trata de converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade na qual estão comprometidos, sua vida e ambientes concretos” (EN18).⁴

Evangelização ou o ato de evangelizar pode também ser compreendido como um serviço que a Igreja presta aos cristãos e a toda a humanidade. Este caráter acentua também a própria missão e presença da Igreja no mundo como Sacramento do Reino e Sacramento de Salvação. Pela ação concreta em favor da humanidade, principalmente daquelas parcelas da humanidade que se encontram oprimidas, aniquiladas e marginalizadas, é que se concretiza na Igreja a mesma ação evangelizadora realizada por Jesus e pelos apóstolos. “O empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo animados pela esperança, mas ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade”.⁵

A ação evangelizadora da Igreja visa principalmente atingir as pessoas, nos aspectos mais profundos do seu ser, deve chegar ao coração de cada pessoa e aos fundamentos de cada comunidade. Cada vez mais se cria a

⁴ Cf. ESQUERDA BIFET, J. *Evangelizar Hoy*. Animadores de las Comunidades. Madrid: Sociedad de Educacion Atenas, 1987. p. 52.

⁵ PAULO VI. EN n°1.

consciência de que o ato de evangelizar não está condicionado a lugares e espaços, muito menos a situações isoladas e fora do contexto da vida total das pessoas e grupos. A ação evangelizadora também traz consigo um elemento transformador das realidades humanas, na medida em que penetra todos os âmbitos e dimensões que envolvem a pessoa e a comunidade com a qual se identifica e se integra.

Estratos da humanidade que se transformam: para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou a populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.⁶

Para evangelizar ou exercer a ação evangelizadora é preciso penetrar também na cultura como o conjunto das relações e significados, das produções e manifestações dos diversos povos. Uma evangelização que não penetra a cultura de um povo e não assume como campo privilegiado de sua ação corre o risco de ser apenas decorativa, um verniz na superfície. Pelo contrário, “importa evangelizar de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes* (GS 53), a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus”.⁷ Ainda sobre este aspecto a EN acrescenta:

O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E, no entanto, o reino que o evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas.⁸

⁶ *Ibidem*. nº 19.

⁷ *Ibidem*. nº 20

⁸ *Ibidem*.

2- EVANGELIZAR AS CULTURAS: UMA TAREFA SEMPRE ATUAL.

Neste horizonte, que significa evangelização? Em primeiro lugar, significa testemunhar esta visão de respeito e de acolhida das culturas por causa de Deus mesmo e da obra que Ele fez entre as culturas. O primeiro missionário é o próprio Deus Uno e Trino. A Trindade que, pelo Logos e pelo Espírito, se fez presente em cada vertebração cultural. Desta forma todos devem se confrontar com os sinais feitos por Deus nas culturas, conhecer, acolher, admirar, respeitar como distintos dos nossos e entrar em comunhão com eles como se entra em comunhão com Deus. Esta primeira evangelização só é possível, caso tiver havido antes aquilo que a *Evangelii Nuntiandi* chama “elemento essencial, geralmente, o primeiro” que é “a presença, a participação e a solidariedade” por parte daqueles que querem evangelizar com referência à cultura.⁹

Ninguém evangeliza ninguém, se primeiro não se comprometer com a vida, com as forças produtoras de cultura que querem ser atingidas pela evangelização. Não basta estar apenas aí; deve participar daquela cultura, descobrir nela sentidos de vida, amá-la; por fim, ser solidário com ela; isso só é possível mediante um processo de identificação com seus sucessos e recuos, com suas virtualidades e seus limites; solidarizar-se com a cultura implica assumir a luminosidade dela e também o seu lado sombrio, porquanto, uma cultura é sempre uma totalidade. Aqui não se permite uma atitude oportunista de somente escolher o que lhe parece bom e rejeitar o que lhe parece menor. Solidarizar-se é fazer corpo com a cultura e a partir de suas virtualidades ajuda-la a crescer e a desabrochar. Somente a partir deste processo de simpatia e empatia, é que, consoante a *Evangelii Nuntiandi* faz sentido uma evangelização explícita que fale da positividade cristã como Reino de Deus, encarnação, ressurreição, filiação divina e outros conteúdos da utopia evangélica.¹⁰

Nos termos de Paulo VI, que na *Evangelii Nuntiandi*, enfatiza o fato de Jesus ter sido o “primeiro evangelizador”, a evangelização, fundamentalmente, é fazer o que Jesus fez: anunciou uma grande esperança, o Reino, que arranca das dimensões mais utópicas da profundidade humana: uma criação finalmente resgatada e libertada de todo tipo de opressão, na alegria

⁹ BOFF, L. Evangelizar a partir das culturas oprimidas. **REB** 49/196, 1989. pp. 799-839.

¹⁰ Ibidem.

de conhecer a Deus e de ser conhecida por ele. Pertence à realização histórica desta utopia o processo de mudança pessoal e coletiva, chamado de conversão. Esta utopia se dá a conhecer por sinais concretos e precursores de um fim bem-aventurado. Um dos sinais mais convincentes é a constituição de uma comunidade que já vive desta novidade e, testemunha para os outros os sinais libertadores as várias carências que historicamente penalizam a existência e, ao mesmo tempo, convida a outros a se constituírem também em comunidade. Tal caminhada de evangelização tem como promessa a “renovação da humanidade, fazendo surgir homens e mulheres novos numa cultura sanada a partir de suas própria raízes”.¹¹

A evangelização dever produzir, lá onde ela se encontra com as culturas, o que seu nome anuncia: a Boa Nova. A evangelização não se dá fora da cultura; ela sempre vem a cavalo das cosmovisões culturais existentes. O evangelho não se identifica com as culturas, mas se identifica nas culturas, nunca podendo existir fora de uma expressão cultural, seja aquela articulada por Jesus no universo semítico, seja aquela desenvolvida pelo Apóstolo Paulo no parâmetro do helenismo e do judaísmo da diáspora, seja dos cristãos dos primeiros séculos, nas matrizes da cultura greco-romana e depois bárbara ou mesmo entre os Sena de Moçambique, que em meio à pobreza e miséria e a busca de paz e reconstrução são chamados a identificar em suas manifestações de vida e cultura a face misteriosa e misericordiosa de Deus.¹²

As Conclusões de Puebla afirmam a necessidade de evangelizar as culturas, pois, “a fé transmitida pela Igreja é vivida a partir de uma cultura pressuposta, isto é, por fiéis vinculados profundamente a uma cultura, e a construção do Reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas”.¹³ A Cultura é entendida neste documento como o conjunto de valores que animam e dos desvalores que enfraquecem a vida de um povo e que, ao serem partilhados em comum por seus membros, os reúnem na base de uma mesma “consciência coletiva”. Toda cultura significa já uma resposta (positiva, negativa, ambígua) à proposta de Deus, então se pode, sem dificuldade, admitir que dentro dela sempre existem rebentos do Reino, sacramentos da graça, sinais da presença do verbo e acenos da

¹¹ Cf. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. 7-17; 18-21.

¹² Cf. BOFF, L. Op. cit. p.817.

¹³ CELAM, *Evangelização no presente e futuro da América latina. Conclusões da Conferência de Puebla*. nº 400 São Paulo: Paulinas, 1986.

atuação do Espírito. Em cada cultura coexistem Antigo e Novo Testamento. O Deus Trindade já está atuando dinamicamente nos processos culturais, se auto-entregando progressivamente até se doar a si mesmo em totalidade, sem nenhuma intermediação, à humanidade toda, a cada ser humano, homem e mulher, representados concretamente no homem Jesus de Nazaré.

Em um nítido contraste com os pressupostos e critérios missiológicos anteriores, sublinha-se sempre mais, depois do Concílio Vaticano II, que, no processo de evangelização, são indispensáveis os seguintes elementos: Deve-se ter presente a totalidade do ser humano, em sua realidade espiritual e material, e não apenas sua alma. No processo evangelizador, homens e mulheres devem ser considerados individualmente como pessoas e comunitariamente, enquanto membros de um grupo ou comunidade, de uma sociedade ou coletividade, que constroem e na qual estabelecem relações interpessoais. Isto significa que a evangelização não se pode dissociar das dimensões que tocam a identidade plenamente humana das pessoas, as redes construtivas de solidariedade entre elas, os elementos de participação e responsabilidade comum, alicerçados na igualdade e nos direitos humanos e sociais fundamentais. A fé, portanto, será vivida na grade de interpretação da pessoa e da comunidade. Com isto se está dizendo que toda evangelização abarca em cheio a dinâmica da liberdade, a promoção da justiça, a articulação entre fé e as exigências éticas dessa fé, a construção de uma sociedade justa, fruto principal da libertação dos seres humanos de todas as formas sociais e culturais de discriminação e opressão, de marginalização e exclusão. Evangelizar é um processo que liberta as pessoas em profundidade, que as abre umas para as outras e todas para Deus. A pessoa que crê se torna semente fecunda de humanidade para a comunidade em que vive.¹⁴

Evidentemente, as pessoas são os sujeitos concretos e ativos tanto da fé como da cultura. Não se pode falar de uma evangelização da cultura em abstrato, mas de um processo personalizado que passa pela fé vivida e pela cultura ativa em que se vive. A pessoa e a comunidade bem evangelizadas deveriam ser pessoas e comunidades consistentes e integradas e, por isso mesmo, livres para uma relação sadia com o outro, com o diferente. Na unidade do gênero humano, a cultura é precisamente o fator diversificador, que cria as alteridades. Pessoas e comunidades não devem sentir-se invadidas

¹⁴ Cf. AZEVEDO, M. C. Cristianismo, uma experiência multicultural. Como viver a fé cristã nas diferentes culturas. **REB** 220/55, 1995. pp 771-787.

ou ameaçadas. De fato, não se pode impor alguma coisa aos outros, de modo dominante e desrespeitoso. Neste sentido, a missão de evangelizar é um processo educativo, oblativo e dialógico. Atinge a totalidade do ser humano, trabalha com o homem e a mulher concretos e abrange o seu contexto social, cultural e religioso. Não se pode subestimar a consequência destes critérios para a evangelização de quaisquer culturas, mas, muito particularmente, para as formas várias de missão ad gentes, para além fronteiras. De fato, vão se defrontar e encontrar-se aí não só culturas distintas, mas também múltiplas inspirações religiosas de fundo, que são inerentes ao tecido mesmo da realidade cultural.¹⁵

Como os seres humanos concretos, cada cultura está carregada de elementos positivos e negativos. Por isso mesmo pode melhorar e reorientar-se, corrigir-se e crescer, relacionar-se e transformar-se. Nenhuma cultura pode ser absolutizada. Nenhuma é exaustiva do humano. Tampouco pode fechar-se em si e sobre si, sob pena de se isolar e empobrecer. As pessoas criam e vivem a cultura. Esta, por sua vez, molda, condiciona e diversifica as pessoas. A cultura não se transmite por geração ou por decreto. Ao longo do processo educativo, da infância à velhice das pessoas, ela vai sendo configurada, assimilada e constantemente transformada, de modo consciente ou inconsciente. Não tem, pois, sentido uma concepção imobilista de cultura, como se fosse um marco estático, insensível aos impactos transformadores das complexas realidades humanas.¹⁶

Ao partir desta concepção de cultura e conhecendo a realidade cultural dos diversos povos e culturas, o processo de evangelização da Igreja deve ser realizado a partir da dinâmica da inculturação. Na presença evangelizadora da Igreja entre os Sena de Moçambique, esta perspectiva da evangelização inculturada se apresenta quase que como um imperativo para a sua missão de evangelizar.

3- A INCULTURAÇÃO COMO DESAFIO E PROPOSTA PARA A EVANGELIZAÇÃO

O termo Inculturação é relativamente novo na reflexão teológica, ainda que se possa dizer que a fé cristã, desde suas origens, sempre foi uma fé

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

inculturada. O processo de encontro entre Evangelho e cultura não é uma novidade dos nossos tempos e foi compreendido e analisado de diferentes formas e a partir de diferentes enfoques.¹⁷ Esta compreensão da relação entre Evangelho e cultura já recebeu várias definições como: Adaptação e Acomodação; Encarnação; implantação da Igreja (*plantatio Ecclesiae*); Indigenização; Contextualização; Enculturação e Aculturação (termos sócio-antropológicos); inculturação (termo teológico).¹⁸

A expressão Inculturação refere-se a um neologismo específico da linguagem cristã. Trata-se de um termo típico do linguajar teológico e de recente utilização no discurso missiológico. Embora tenha uma conotação antropológico-cultural, este termo distingue-se de outros típicos do léxico antropológico, como é o caso de aculturação, enculturação e transculturação. Distingue-se também dos conceitos de adaptação e acomodação, vigentes em âmbito teológico a partir de 1950, com repercussões precisas no Concílio Vaticano II (1962-1965).¹⁹

A proposta de inculturação não é uma situação tática da ocupação forçosa da casa do outro por pedido de hospedagem. Não é a situação estratégica do discurso autoritário pelo diálogo. É uma metodologia missionária com estreita vinculação com os mistérios centrais da fé (encarnação/salvação). A inculturação, antes de ser uma questão de eficácia e autenticidade missionária, é uma questão antropológica e um “direito humano” da parte dos povos que acolhem o Evangelho.²⁰

Para a compreensão da Inculturação como o processo de encontro e relação entre Evangelho e cultura, é necessário ter em conta a complexidade deste encontro. Os vários autores que tratam o tema acentuam o cuidado nas definições acerca da cultura e na abordagem sobre o próprio

¹⁷ MIRANDA, M. F. *Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 2001. pp. 41-42

¹⁸ BOSCH, D. J. *Missão Transformadora*. pp. 535-546. Na sua pesquisa, o autor apresenta uma nova terminologia, a Interculturação, mais abrangente que a Inculturação, pois segundo ele a inculturação jamais pode ser um processo acabado, pois a relação entre a cultura e a mensagem cristã é criativa e dinâmica, repleta de surpresas.

¹⁹ Cf. AZEVEDO, M. C. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986. pp 263-272.

²⁰ Cf. SUESS, P. *Inculturacion. Mysterium Liberationis*. Tomo II. Madrid: Editorial Trotta, 1990. p.380

Evangelho.²¹Levar a mensagem do Evangelho a uma comunidade humana cultural, social e historicamente estabelecida será sempre um problema e uma questão aberta. Há uma base comum a todo ser e comunidade humana e há uma pluralidade de aspectos diferenciados dependentes da psicologia, ambiente sociológico, heranças históricas, etc.

O encontro entre Evangelho e cultura é apenas um elemento neste complexo contexto e é influenciado por todos os outros elementos. [...] Enquanto o Evangelho é elemento de uma dimensão religiosa mais ampla, a cultura é o elemento de um complexo maior que inclui a economia, a política e a sociedade.²²

A afirmação do novo conceito será fruto dos desdobramentos da elaboração de uma teologia da missão, ocorrida, sobretudo, na Ásia e na África. O Sínodo de 1974, sobre a evangelização no mundo de hoje, expressa já uma primeira transição, ao reconhecer a cidadania para expressões como inserção, indigenização e encarnação. As intervenções dos Padres da Ásia e da África foram incisivas no diagnóstico da falta de aculturação da mensagem eclesial em outros quadros culturais que não os ocidentais, bem como no apelo em favor da justa autonomia e criatividade de Igrejas particulares face aos novos desafios da pluralidade. A partir da XXXII Congregação Geral da Companhia de Jesus, ocorrida nos anos de 1974-1975, o termo Inculturação passa a fazer parte do repertório usual da teologia e da pastoral. Uma referência importante foi a carta do então Superior Geral dos jesuítas, Pedro Arrupe, sobre a Inculturação(1978).²³

O Magistério Pontifício acolhe o termo Inculturação pela primeira vez em março de 1979, por ocasião da alocução de João Paulo II aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica. A reflexão será retomada na exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, em outubro de 1979, tornando-se, em seguida, de uso freqüente nos documentos da Igreja católica. Para João Paulo II, o termo Inculturação “exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação,”²⁴envolvendo igualmente o domínio da catequese.

²¹ Acerca deste encontro e relação entre Evangelho e Cultura na perspectiva da Inculturação cf. AMALADOS, M. *Missão e inculturação*. São Paulo: Loyola, 2000. ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Evangelizacion*. Op. cit. SUESS, P. *Evangelizar a Partir dos Projetos Históricas dos Outros*. Ensaio de Missiologia. São Paulo: Paulus, 1995. Idem. *Cultura e Religião*. REB.49 – 196 dez/1989.

²² Cf. AMALADOS, M. *Missão e Inculturação*. pp. 29-31.

²³ Cf. MIRANDA, M. F. *Inculturação da Fé*. Op. cit.

²⁴ JOÃO PAULO II. *A catequese hoje – Exortação apostólica Catechesi Tradendae*.nº 53 12 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

Vamos encontrar o termo empregado de maneira mais direta na Encíclica *Redemptoris Missio*, onde aparece a relação direta entre Evangelização e Inculturação.

Desenvolvendo sua atividade missionária no meio dos povos, a Igreja encontra várias culturas, vendo-se envolvida no processo de inculturação. Esta constitui uma exigência que marcou todo o seu caminho histórico, mas hoje é particularmente aguda e urgente.²⁵

A Inculturação é compreendida como o processo de encarnação da vida e da mensagem cristã em uma área cultural concreta, de modo que não somente esta experiência se exprima com os elementos próprios da cultura em questão, mas que esta mesma experiência se transforme em um princípio de inspiração, norma e força de unificação, que transforma e recria esta cultura, encontrando-se assim na origem de uma nova criação.

O processo de inserção da Igreja, nas culturas dos povos, requer, um tempo longo: é que não se trata de uma mera adaptação exterior, já que a inculturação significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas. Trata-se, pois de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã como a reflexão e a práxis da Igreja. Mas é também um processo difícil, porque não pode comprometer de modo algum, a especificidade e a integridade da fé cristã. Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão.²⁶

O termo Inculturação e sua compreensão, sejam pelos diversos estudiosos do tema ou pelos documentos do Magistério, abrem uma gama de possibilidades e também de questões para um processo de evangelização

²⁵ Idem. *Redemptoris Missio*. nº 52. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

²⁶ Ibidem.

na perspectiva da Inculturação. Sem dúvida este encontro das culturas com a mensagem do Evangelho será sempre um desafio e, longe de chegar ao seu termo a discussão e reflexão sobre o assunto, avança-se cada vez mais por este filão descoberto, na tentativa de fazer deste encontro entre Evangelho e cultura o caminho da realização da missão da Igreja.

Não se pode separar, como já dissemos, inculturação da fé e comunidade cristã. Pois é exatamente mediante a vida da comunidade dos fiéis que acontece a inculturação. É a comunidade que, vivendo situações novas, cria símbolos e práticas que lhe permite viver em tal contexto como comunidade cristã. Este fato irá provocar nessa comunidade uma configuração eclesial própria, que a capacitará a se fazer conhecida e compreendida em seu contexto sociocultural, potencializando-a, assim, para proclamar e testemunhar a mensagem evangélica.²⁷

Inculturação é uma qualificação específica da relação fé e cultura e do conseqüente modo de evangelizar. Não são a mesma coisa a inculturação, a adaptação ou a aculturação. Estes dois últimos termos e métodos dominaram por séculos o processo evangelizador, com importantes exceções, é claro. Por eles se operavam mudanças drásticas de fora para dentro do grupo cultural que se queria evangelizar. Na adaptação e na aculturação, a iniciativa e o poder determinante da cultura etnocêntrica do evangelizador predominava sobre a própria cultura alheia. Essa cultura do evangelizador permanecia como o referencial maior da evangelização. Este processo permitiu a generalizada ocidentalização uniforme e universal da evangelização em praticamente todo o mundo e durante boa parte do segundo milênio, firmando-se um cristianismo monocultural.

Pelo contrário, com a inculturação, a evangelização se faz a partir de dentro da cultura do grupo humano que se quer evangelizar e não como algo extrínseco e estranho a ela. A pergunta chave é: como o Senhor está presente, como agiu e continua agindo nessas pessoas e através delas e de suas culturas, ao longo de sua vida, de suas tradições e de sua história, antes do processo do evangelizador e durante o mesmo. Os membros da cultura são assim os sujeitos principais do processo.

²⁷ Cf. MIRANDA, M. F. Op. cit. p. 61.

CONCLUSÃO

Sem esta dinâmica, de tomar em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal, comunitária e social dos homens e mulheres, a evangelização, como processo, não se completa. Para tanto, ela deve comportar uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada sobre os direitos e deveres de toda pessoa humana, sobre a vida em comum e na sociedade, sobre a paz, a justiça, o desenvolvimento e sobre a libertação integral dos homens e mulheres de todos os tempos. Principalmente em situações específicas, como a vivida pelas populações Sena de Moçambique, é impossível aceitar uma evangelização que possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, relativos à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à Paz.

Os dez primeiros anos de paz vividos em Moçambique, desde a assinatura do AGP (Acordo Geral de Paz) em outubro de 1992, têm sido para a Igreja deste país um forte tempo de transformação e busca de novos caminhos para continuar a responder à sua vocação e natureza (cf. AG 2). Sem sombra de dúvida, todo o passado colonial e os dezesseis anos de guerra marcaram esta presença da Igreja em Moçambique e a fizeram amadurecer na missão e tarefa de evangelizar. Compreender o conceito atual e evangelização e inculturação e sua incidência no atual contexto da Igreja em Moçambique, sem dúvida, pode colaborar para que, essa missão e tarefa de evangelizar povos e culturas aconteçam de forma mais inculturada, tanto lá como em meio a outros povos e culturas.

Ms. Pe. Paulo Roberto Teixeira de Abreu

Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra da Assunção/SP.

BIBLIOGRAFIA

- AMALADOSS, M. *Missão e inculturação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- AZEVEDO, M. C. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986.
- BAUR, J. *2000 anos de Cristianismo em África*. Maputo: Paulinas, 2002.
- BOSCH, D.J. *Missão transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

- BRIGHENTI, A. *Por uma Evangelização Inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CELAM. *Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Decreto Ad Gentes*. . 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DELLA ROCCA, R. M. *Moçambique da guerra à paz*. História de uma mediação insólita. Maputo: Livraria Universitária – UEM, 1998.
- DONDERS, J. *Evangelizar ou colonizar? A experiência africana de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- _____. *O Cristianismo e as Religiões*. Do desencontro ao encontro. São Paulo: Loyola, 2004.
- ESQUERDA BIFET, J. *Teología de la evangelización: Curso de Misionología*. Madrid: Ed. B.A.C., 1995.
- _____. *Evangelizar Hoy*. Animadores de las Comunidades. Madrid: Sociedad de Educacion Atenas, 1987.
- FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*. Petrópolis: Vozes/Soter, 1995.
- FERREIRA, L. C. *Igreja Ministerial em Moçambique*. Maputo: [s.ed.], 1987.
- _____. *Igreja Católica em Moçambique: Que caminho?* Maputo: Paulinas, 1993.
- HEDGES, D. (Coord.) *História de Moçambique*. Vol.2. 2 ed. Maputo: Livraria Universitária, 1999.
- IMBISA. *Inculturação: A fé que cria raízes nas culturas africanas*. Documento de estudo. Maputo: Paulistas, 1994.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica: *Redemptoris Missio*. In Encíclicas de João Paulo II. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. Exortação Apostólica pós Sinodal: *Ecclesia in Africa*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- _____. *A catequese Hoje – Exortação apostólica Catechesi Tradendae*. 12ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- KÜNG, H. *Religiões do mundo*. Em busca de pontos comuns. Campinas: Verus, 2004.
- MANA, K. *La nouvelle évangélisation en Afrique*. Paris: Édition Karthala, 2000.

- MIRANDA, M.F. *Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 2001.
- NEWIT, M. *História de Moçambique*. Lisboa: Europa-América, 1997.
- PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997.
- SERRA, C. *História de Moçambique*. Vol. I. Maputo: Livraria Universitária – UEM, 2000.
- SOUZA, J. A. A. *A Igreja e a paz em Moçambique*. Maputo: Edibosco, 1995.
- SUESS, P. (Org.). *Culturas e evangelização*. São Paulo: Loyola, 1991.
- _____. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros*. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *Inculturación*. *Mysterium Liberationis*. Tomo II. Madrid: Editorial Trotta, 1990.

ARTIGOS

- AZEVEDO, M. *Cristianismo, uma experiência multicultural*. Como viver e anunciar a fé cristã nas diferentes culturas. *REB* 220/55, 1995. pp 771-787.
- BOFF, L. *Evangelizar a partir das culturas oprimidas*. *REB* 49/196, 1989. pp. 799-839.
- COMBLIN, J. *Inculturação e libertação*. *CONVERGÊNCIA* 25/235, 1990. pp. 423-432.
- SUESS, P. *Cultura e religião*. **REB** 49/196, 1989. pp 799-839.